

Uma Questão de Classe

Kátia Cid (PROPEd/UERJ)

Eixo Temático: A idéia parecia boa, mas não deu muito certo. Da próxima vez...

Era para ser uma questão simples. Quase “dada”. Na verdade ela fazia parte daquelas questões que colocamos na avaliação a fim de trabalhar os temas “transversais”, aqueles “formadores de cidadania”. No caso era sobre Diversidade Cultural, respeito e tolerância às diferenças. O assunto abordado era o período pré-colonial brasileiro, mais precisamente, a extração do pau-brasil e o escambo. Ei-la.

“Durante muito tempo, os livros de História do Brasil transmitiram a idéia de que os indígenas que trabalharam na extração do pau-brasil foram enganados pelos europeus, pois recebiam ‘quinilharias ou bugigangas’, ou seja, produtos sem valor, em troca de seu valioso trabalho. Você acha que esta idéia corresponde à realidade? Justifique”.

Já havíamos conversado em sala sobre a visão etnocêntrica dos portugueses de analisarem a cultura indígena a partir de sua própria cultura, que esta era uma realidade não apenas de europeus do século XVI, mas que se encontrava presente em nossa sociedade até os dias atuais. Eles conseguiram exemplificar em diversas situações, tanto no cenário nacional como internacional.

Pensando que tudo estava perfeitamente assimilado, achei que a correção seria tranqüila e no momento de retornar à sala de aula para comentarmos a prova seria mais uma oportunidade para aprofundarmos as questões da atualidade e progredirmos um pouco mais com o assunto que viria a seguir: trabalho escravo. Daí para racismo, alguns estudos de casos para ilustrar lá e cá e... estaríamos perfeitamente sintonizados com a Lei 9.364 sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, que agora inclui também as culturas indígenas brasileiras. Portanto: dentro da “lei”, afinada com os parâmetros, em sintonia com as “novas” correntes do ensino de História.

Porém foi tudo muito diferente do esperado. Mais de 95% das respostas não seguiram o padrão mínimo desejado. E deste percentual 80% registraram como resposta um outro padrão. Foram unânimes em concordar que não só os índios de fato foram enganados pelos europeus (adeus etnocentrismo!), como foram explorados pelos mesmos. Deste grupo, por volta de 90% traçaram paralelo com a atualidade onde comparavam os indígenas aos “trabalhadores que são explorados por seus patrões e/ou governos e/ou políticos¹ da atualidade”.

Desanimada, creditando esta frustrada experiência ao habitual desinteresse dos alunos, ou a inadequação dos conteúdos, enfim, pensava já em abandonar minha especulação sobre os motivos do não *acerto* da questão enquadrando-a como conteúdo a ser mais trabalhado. Porém me incomodava o fato do padrão de resposta escolhido pelos alunos e acima relatado, ter sido tão grande. Descartava a possibilidade de cola (cola **errada!**), pois a prova foi realizada simultaneamente em várias turmas. Não era possível.

Portanto, reforcei com mais um exercício a ser realizado em sala de aula. Para tal utilizei o recurso do livro didático² onde o fechamento da unidade estudada propunha questões sobre etnocentrismo a partir da análise de um trecho de texto de Claude Lévi-Strauss³, de poemas de Oswald de Andrade⁴ e de uma fotografia de índios ameaçando brancos em uma caminhonete com arco e flecha (como se conseguissem detê-la com seus “arqueológicos” instrumentos). Mas, mais uma vez o resultado não saía como o esperado. Minha intuição percebia que podia haver mais por trás disso tudo, que não era apenas uma questão de aprendizado que estava em jogo. E havia!

Nesta mesma época comecei a ler alguns textos sobre marxismo. Discutíamos no grupo de estudo da faculdade os “embates” entre teoria e prática e a orientação era buscar luz no materialismo dialético.

¹ Observo que em vários tipos de trabalhos a categoria dos “políticos” sempre é citada como expressão de exploração, corrupção, descrebilidade e desonestidade.

² Gislane e Reinaldo, *História*. SP: Ed. Ática, 2007, página 197.

³ Raça e História. *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976. p. 333.

⁴ “Erro de Português” *O santeiro do mangue e outros poemas*. São Paulo: Globo, 1991. p. 95.

“Os selvagens” *Pau-Brasil*. São Paulo: Globo, 1991. p. 69.

Relendo “Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política”, relembra alguns conceitos vistos na época da faculdade, rememorava algumas situações vivenciadas e, de repente, pareceu que as coisas poderiam começar a fazer nexos. Marx, mais uma vez, mostrava o caminho. Luta de classes! Luta de classes?! Sim, era para ela que o padrão da resposta dos alunos apontava. Em suas “realidades” não era a abordagem etnocêntrica que mais era visível. Não que não percebam isto no seu dia a dia. Se ampliarmos o tema de forma a nele incluímos manifestações culturais como o funk, por exemplo, muito provavelmente ela fará parte de suas vivências.

Mas o que estava posto aqui era o meu erro. Estava partindo da premissa errada, esquecido a metodologia de análise marxista e apresentando o conteúdo a partir de uma visão “pós-moderna”.

Decifrando: Segundo Ellen Wood⁵ a crítica feita por pós-modernos ao marxismo é que este:

reduz a variada complexidade da experiência humana a uma visão monolítica do mundo, “privilegiando” o modo de produção como um determinante histórico; a identidade de classe, e não outras “identidades” e os determinantes “econômicos” ou “materiais” em lugar da “construção discursiva” da realidade. (pág 13)

Porém se o que pretendo em sala de aula é, junto com os alunos, compreendermos a nossa realidade a partir da História do Brasil, não em uma visão estreita de causa e consequência, mas de forma crítica, preciso partir daí. Isto é: sob o ponto de vista do modo de produção capitalista, dominante na sociedade em que vivemos, que se formava naquela época, século XVI. Esse encontro de culturas embora tão diversas não tem a diversidade cultural como foco, pois dá-se a partir da ótica capitalista, onde é o lucro, ou a busca do lucro o determinante do encontro.

Mesmo não sendo a cultura índia sensível à lógica capitalista (e aqui me restrinjo às culturas tupi-guaranis sem trazer para a discussão toda a diversidade de modos de viver dos habitantes da América do Sul naquela época) ela de fato foi enganada, pois depois deste

⁵ Em defesa da História

momento do escambo e concomitante a ele essas populações fora escravizadas e “integradas” como mão de obra ao sistema de exploração colonial que se seguiu.

De acordo com Miriam Limoeiro Cardoso⁶, em obra que nos auxilia a entender o método marxista a partir da obra *Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política*, é proposto que se monte a análise a partir da ordem das categorias, fica mais claro o que quero demonstrar.

Mantendo viva a idéia de que a realidade concreta subsiste, antes como depois de ser pensada, em sua independência, fora do espírito, e que a atividade deste não é mais do que teórica, temos que as categorias, por mais simples que sejam, têm sempre a realidade concreta como pressuposição e não são mais do que parciais em relação a esta. (...)

Cada modo de produção tem certas relações que determinam toda a organização da produção. As categorias que expressam essas relações têm necessariamente que preceder as que expressam relações que são determinadas por aquelas. A ordem das categorias, portanto, responde à ordem de importância que é relativa à capacidade das relações em determinar a organização da produção. Tem precedência teórica a categoria que expressa as relações mais determinantes. (pág. 53 e 54)

Ainda que tratemos aqui sobre o encontro das culturas não é o cultural que está em questão, como foi dito acima. É a categoria trabalho que ficou evidenciada e destacada pelos alunos, pois o que está em evidência em nossa sociedade, estruturalmente e, por coincidência (em nosso caso) conjunturalmente (pois estamos falando de turmas de 1º ano do Ensino Médio de escola pública onde estes jovens, oriundos de classes menos favorecidas, estão prestes a entrarem no mercado de trabalho), e que dentro do modo de produção capitalista, está intimamente relacionada com exploração.

Isto me faz arriscar que, estes jovens conseguem apreender, de forma vivencial, o conceito de classe. Eles percebem que a “(...) *diferença*: identidades particulares, tais como sexo, raça, etnia, sexualidade; suas opressões e lutas distintas, particulares e variadas; e *conhecimentos* particulares (...)” são os “(...) interesses e recursos da *classe* (...)”, ainda que

⁶ Para uma leitura do método em Karl Marx – anotações sobre a “introdução” de 1857. Cadernos do ICHF, nº 30, 1990.

não tenham consciência de ser ela – a classe – a “(...) mais universal força isolada capaz de unificar lutas libertadoras diferentes.” · O simples está contido no complexo⁷.

Embora a abordagem pós-moderna insista nas questões culturais, porque: “(...) o fio principal que perpassa todos esses princípios pós-modernos é a ênfase na natureza fragmentada do mundo e do conhecimento humano. As implicações políticas de tudo isso são bem claras: o *self* humano é tão fluido e fragmentado (o sujeito descentrado) e nossas identidades tão variáveis, incertas e frágeis que não pode haver base para a solidariedade e ação coletiva fundamentadas em uma ‘identidade’ social comum (uma classe), em uma experiência comum, em interesses comuns (...)”.⁸

Nessa correção de rota, percebo que não adianta insistir em estratégias que reforcem uma abordagem que visa a fragmentação. Talvez por isso sempre tenha resistido de alguma forma a apresentar o conteúdo destacando a “história e cultura afro-brasileira” como preceitua a Lei. A esquematização para o próximo bimestre que tratará da economia colonial e da subsequente crise do sistema colonial não poderá se contentar com as relações de raça (escravidão), de gênero (sociedade patriarcal x (não) participação feminina) e credo (igreja católica x tradições africanas). Estas serão abordadas, mas a partir de sua inserção no momento histórico, obedecendo a hierarquia das categorias. Elas aparecerão sobre o enfoque do trabalho, da luta de classes e da formação do modo de produção capitalista.

E em todo este percurso percebo a contribuição do velho Marx na apresentação de seu “método científico correto”

*O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações e, por isso é a unidade do diverso. Aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, e não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida, e, portanto, também, o ponto de partida da intuição e da representação.*⁹

⁷ Marx, Karl e Cardoso, Limoeiro Miriam. H

⁸ Wood, Ellen. *Idem*.

⁹ Marx, Karl. Op cit.